

# Sala Poste-ite

EDIFÍCIO ARTES EM PARTES  
RUA MIGUEL BOMBARDA, 457 – 3ºA · 4050 PORTO  
galpo@mail.telepac.pt | marina\_costa@netc.pt  
(+351) 918 494 794

## PALOMA G. DOTOR

*Los Nadies*

INAUGURAÇÃO SÁBADO 19 ABR 16H

19 ABR - 7 JUN 2008  
TERÇA – SÁBADO . 15H – 20H

### Friedrich nas águas do Sul

Numa e noutra das folhas do jornal apareciam a lembrança e a notícia. No primeiro caso na página par, completa – coisas do Verão – comemorava antecipadamente o quarto aniversário de uma, senão a maior, tragédia de imigração para Espanha, quando em 25 de Outubro de 2003 naufragava uma jangada a uns escassos duzentos metros da costa de Cádiz e a falta de meios ou a sua obsolescência, os trâmites burocráticos ou o menosprezo pela vida humana das autoridades militares da base de Rota e outros agentes de turno deixaram à mercê do mar mais de cinquenta pessoas.

Durante dias as praias gaditanas foram recebendo cadáveres de marroquinos afogados.

Vinte e quatro dos falecidos foram identificados e repatriados e treze descansam no cemitério de Los Barrios. Só um pôde ser identificado e os restantes jazem em túmulos com o epitáfio “Naufrágio de Rota 25-10-2003” e um número que indica a ordem em que foram encontrados os corpos. Até hoje não há processo aberto, nem particulares nem associações fizeram acusação particular nem se exigiu ou apurou responsabilidades políticas.

Na metade vertical da página ímpar, com publicidade, informava-se de que na noite anterior um cruzeiro de luxo – curiosamente baptizado de Júlio Verne – participara no resgate de vinte e sete imigrantes encontrando-os flutuando no Mediterrâneo, uns vivos e os restantes afogados ou mortos de frio. Uns dias depois outro diário informava que alguns dos turistas se tinham aborrecido pelos atrasos ocorridos, porque alterava a sua rota prevista ou porque não se lhes autorizara realizar uma excursão.

Estes são os temas e assuntos a que Paloma G. Dotor tem dedicado a maior parte do seu trabalho artístico e que trata nesta sua primeira exposição individual. Uma temática a que não se aproxima com olhos distantes, mas pela experiência própria e pela angústia vivida desde a infância e que, seguramente por essa proximidade, não a aborda nem a partir dos seus aspectos mais palpavelmente dramáticos nem a partir de uma óptica documental, se bem que para denunciar as convivências entre política e fluxos migratórios, por mais que contudo, todos e cada um desses aspectos se desprendam das suas peças com a mesma naturalidade que subjaz aos factos.

O seu périplo inicia-se nas costas em falésia, em que plantas e rochas voltam os seus gumes rasgados, quais defesas visíveis contra o invasor indesejado, segue pelos campos, pinhais e sobreirais por onde fogem os exaustos recém chegados, as antigas prisões ou quartéis que agora se dizem lugares de acolhimento, passa pelas escolas para espreitar como vivem as crianças que amanhã serão hóspedes de outros e inclui números e estatísticas – convertidas num olhadela reflexiva e estética sobre o problema -, também vídeos, em que os protagonistas mais afortunados contam as suas peripécias. Conclui, bem com imagens pares às do cemitério de Los Barrios, estas agora do cemitério de Tarifa e suas terríveis legendas: “Imigrante de Marrocos nº 10. 7 Março 2001”, ou com a subtil e por sua vez paródica fórmula de Los integrados, jovens marroquinos trabalhadores que se ocupam de montar o stand de uma galeria numa feira de Arte.

Atrai-me tanto a sua capacidade de abstracção e a sua vontade de confinar a atenção nos sítios e não nas pessoas, para que sejam os lugares que situem o visitante na sua própria responsabilidade, como o fluxo ético que se derrama de cada uma das suas imagens. Não é a sua uma apropriação afectada de um problema e a sua resolução estética, mas as abordagens das categorias éticas que deveriam reger a conduta dos vizinhos e mais alargadamente, dos humanos em geral.

Se uma série define o seu modo de actuar e a minha sugestão pelo seu trabalho é a que dedica ao cemitério de embarcações de La Caleta. Permita-se-me dizer que essas fotografias têm algo do sentimentalismo cru e apegado dos românticos alemães – como que dizendo, algo da utopia moral daqueles -, como se fosse possível um naufrágio como o que pintou Friedrich agora ocorrido em águas do Sul. Se o mal titulado Naufrágio da Esperança é como queria Robert Rosenblum, “uma imagem trágica da terra de nada da morte”, as rochas cortantes de Tarifa, porque não?, o gelo dos corações e as almas de pedra.